

Trocas de destino, individuação e retorno do pai em “A estória do Homem do Pinguelo”**Exchanges of fate, individuation and return of the father in “A estória do Homem do Pinguelo”****Daniel Atroch**

RESUMO: no conto “A estória do Homem do Pinguelo”, integrante de *Estas estórias*, volume publicado após a morte do autor, o enigmático “Homem do pinguelo” intervém misteriosamente nas vidas de seo Cesarino e Mourão, fazendo com que troquem de destino, pois um vivia a sorte do outro, levando ambos a superar a crise na qual se encontravam e avançar no processo de *individuação*. Além de figurar o diálogo entre opositos, a narrativa encena outros temas importantes para a obra rosiana, como o mito de Fausto e a relação problemática com o Pai. Para fins da análise, são mobilizados críticos literários como Adélia Bezerra de Menezes, Walnice Nogueira Galvão e Davi Arrigucci Jr, além de pensadores do segmento da História das Religiões, da Psicologia e da Psicanálise, como Mircea Eliade, Joseph Campbell, Jung e Freud. A metodologia, de caráter bibliográfico e qualitativo, perfaz uma leitura hermenêutica da dualidade que atravessa o conto, além da comparação com outras obras de Guimarães Rosa.

Palavras-chave: Literatura brasileira. João Guimarães Rosa. Destino. Individuação. Relações familiares.

ABSTRACT: in the short story “A estória do Homem do Pinguelo”, work published after the author's death, the enigmatic “Homem do pinguelo” mysteriously intervenes in the lives of seo Cesarino and Mourão, causing them to change fate, as one lives the luck of the other, leading both to overcome the crisis in which they found themselves and move forward in the *individuation* process. In addition to represent the dialogue between opposites, the narrative stages other important themes for Rosa's work, such as the myth of Faust and the problematic relationship with the Father. To carry out the analysis, literary critics such as Adélia Bezerra de Menezes, Walnice Nogueira Galvão and Davi Arrigucci Jr are mobilized, as well as thinkers from the History of Religions, Psychology and Psychoanalysis segment, such as Mircea Eliade, Joseph Campbell, Jung and Freud. The methodology, of a bibliographic and qualitative nature, proposes a hermeneutic reading of the duality that runs through the story, in addition to comparison with other works by Guimarães Rosa.

Keywords: Brazilian literature. João Guimarães Rosa. Fate. Individuation. Family relationships.

Introdução

Em *A estória do Homem do Pinguelo*, acompanhamos a trajetória de dois homens do sertão, seo Cesarino, comerciante, e Mourão, boiadeiro, ambos à beira da falência. A mercadoria da venda foi quase toda estragada por uma enchente, e a boiada padecia com a seca ulterior. Cesarino e Mourão, através da mediação de José Reles, narrador-personagem do conto, se conhecem e resolvem fazer negócio: trocam a boiada pela venda, sob os auspícios do “Homem do Pinguelo”. Depois de efetivada a troca, ambos prosperam.

No conto, há um “comentarista”¹ que dialoga com o narrador-personagem, não raro se contrapondo a ele de forma irônica. Esse jogo discursivo assinala as diferenças entre o rústico homem do campo (o narrador) e o homem “culto”, urbano (o comentador). Davi Arrigucci Jr., se referindo a *Grande sertão: veredas*, obra que se vale de recurso narrativo semelhante (ainda que no romance as reações do homem citadino possam ser apenas inferidas), observa que “A perspectiva do sertão vem do fundo de outro espaço e de outro tempo, com tudo o que tem de real e de imaginário, de consciente e de inconsciente, e se confronta com a perspectiva da cidade, sob a forma dramática deste debate de primeiro plano” (ARRIGUCCI JR, 1994, p. 19).

No entanto, conforme o texto avança, os discursos opostos se conjugam: “Como um jogo de empréstimos, os enunciados, distintos no começo da narração, vão se interpenetrando, um assimila os recursos linguísticos do outro, culminando na junção das duas vozes no final” (SIMÕES, 1988, p. 139). Esse embate de contrários, que ora se repelem ora se integram, parte da estrutura formal e discursiva do conto, em formulações paradoxais como “devagar também é pressa”, “tudo é e não é” etc., para impregnar todos os seus sentidos, passando pela relação inversamente proporcional entre os personagens centrais, seo Cesarino e Mourão, pelos fenômenos da seca e da enchente, até, como veremos, a natureza dúplice do “Homem do Pinguelo”, personagem sinuoso que desponta todo envolto em mistério na elocução de José Reles. Além de figurar o diálogo entre opostos, a narrativa encena outros temas fundamentais para a obra rosiana, como o mito de Fausto e a relação problemática com o Pai.

Para fins de minha análise, recorro aos estudos de críticos literários especialistas em Guimarães Rosa, como Adélia Bezerra de Menezes, Walnice Nogueira Galvão e Davi Arrigucci Jr, além de pensadores do filão da História das Religiões, da Psicologia e da Psicanálise, como Mircea Eliade, Gaston Bachelard, Joseph Campbell, Jung e Freud. A metodologia, de caráter bibliográfico e qualitativo, é mobilizada no sentido de uma leitura hermenêutica da dualidade que perfila o conto, enfeixando forma e conteúdo, além da comparação com outras obras de Guimarães Rosa.

O artigo se justifica pelas nuances encontradas no tema dos contrários, discernível sobretudo no encontro entre seo Cesarino e Mourão, e pela busca de um novo olhar sobre o “Homem do Pinguelo”, pivô da problemática em torno da figura do Pai que trespassa toda a narrativa.

¹ Termo utilizado por Adélia Bezerra de Meneses (2010).

“A sina ou os acasos, de outros, meus não são”

No decorrer do conto, José Reles narra as desventuras de seo Cesarino, malfadado comerciante: “O que era: que a venda dele estava era dando para trás. Não fazia muito negócio. Quem estavam se arredondeando eram as outras vendas” (ROSA, 2001a, p. 161). Para completar, uma enchente prejudica, sobretudo, o seu negócio: “- Áí, se esperdiçou fatal a quanta mercadoria. Botou-se para secar, mas tudo em barro grosso, empesgado, fartas coisas se apodrecendo” (2001a, p. 163). Após a enxurrada, se instaura a seca - “Passou outubro, passado novembro, mais dezembro, então. E credo nisto: que não e não chovia. Agosto, era o estado da seca” (2001a, p. 163). “Seo Cesarino estava completando de ficar desesperado” (2001a, p. 165).

Então, em uma de suas andanças, José Reles ouve toques de berrante na “Passagem do Ingá” (observem que “passagem” é, na esteira de Eliade (2001), local de transformação ou mudança de status) e encontra o também malfadado boiadeiro Mourão: “- *almirante em mar secado, com suas favas mal contadas, aprendiz do que não quis...*” (2001a, p. 170) conduzindo uma boiada em petição de miséria:

Aqueles bois se sumiam e surgiam de magros, suas ossadas espinhando. Tanta miséria em mal-amparo, em maus cavacos, no cabo de se olhar dava gastura. Os vaqueiros, mascarados, que de só poeira, e desgosto. Atrás da comitiva, a gente esperasse de ver aparecer a Morte sensata, amontada em seu cavalo, dela, alvo, em preparo, gadanhando (2001a, p. 170).

Mourão, como era de se esperar, encontra-se abatido, porém, envia alguns vaqueiros para caçar água ou pasto. Agapito encontra um fio d’água²; revigorado pela notícia, o boiadeiro volta a se movimentar, aceitando o convite de José Reles para conhecer o arraial. Lá, encontra seo Cesarino, evento de suma importância para o destino de ambos. Observem que, “Na boa hora, o Homem do Pinguelo devia de estar com a gente, remiroso, por ali, eu acho” (2001a, p. 176).

² Fernando Py observa que “Agapito, simples mestre-vaqueiro, é o responsável pelo achado de ouro (*a água*), o qual, a partir da notícia dada, transforma, não de chofre, mas aos poucos, o moral e o ânimo das pessoas abatidas pelas desventuras sucessivas. O encontro do ouro, aliás, a sua apenas notícia, é suficiente para operar a mudança. Agapito é nome de origem grega e significa “escolhido”, “favorito”, “preferido pelo destino”, etc. Assim, estabelece o autor uma relação intercorrente entre o nome do vaqueiro e o seu papel na estória: encontra ouro porque se chama Agapito – donde, chama-se Agapito por estar escolhido pelo destino para exercer uma função importante” (PY, 1991, p. 565).

Mourão é inversamente proporcional a seo Cesarino; eles constituem o duplo um do outro. Vejamos suas características: Mourão é gordo, “cara de lua” (2001a, p. 171), sossegado, “Capaz de ficar quieto no inferno” (2001a, p. 171), e possui aspecto de doente. Ele gosta de pescar, não se levanta nem para beber água, manda nos outros, é sóbrio, diligente e algo somítico: “Picou o fumo, palmeou, vagaroso. Por umas duas fipas, que caíram, ele procurou com os olhos, e apanhou, que nem que pulgas catasse” (2001a, p. 171-172). Sem família, constituiu o seu patrimônio aos poucos e, apesar de boiadeiro, “estava caçando era sossego”.

Seu nome, Pedro Mourão, diz tudo: Pedro, de pedra, rocha, paradigma da estabilidade; e Mourão, registra o dicionário, significa “estaca fincada ao solo, à qual se amarram as reses”; é também pedra de lareira (evocando lar...). O nome do boiadeiro errante remete assim a um desejo de permanência, de fixação (MENEZES, 2010, p. 167).

O afã de estabelecer residência fixa onde possa gozar de sossego (indício de uma natureza doméstica, “passiva”), aliado à “cara de lua” (satélite relacionado à água, elemento abundante no corpo arredondado de Mourão), assinalam a regência do feminino sobre o personagem, dado que a lua e a água são seus símbolos:

Receptáculo de toda a virtualidade, fluída por excelência, suporte do devir universal, a água é comparada ou diretamente assimilada à Lua. Os ritos lunares e aquáticos são orquestrados pelo mesmo destino; dirigem o aparecimento e desaparecimento periódico de todas as formas, dão ao devir universal uma estrutura cíclica. Por isso, desde a pré-história, o conjunto Água-Lua-Mulher tem sido percebido como o circuito antropocósmico da fecundidade (ELIADE, 2008, p. 154).

Observem que Mourão é ambivalente para além do fato de se tratar de um homem relacionado a caracteres e símbolos arquetípicamente femininos. O personagem, como vimos, é sóbrio, “enxuto de ideias” (2001a, p. 171), metílico e comedido, características tradicionalmente relacionadas ao *logos*, masculino. Sua profissão – boiadeiro – é ativa, masculina; além do que, apesar de sua afinidade com o elemento aquático (lua, pesca etc.), o personagem necessita de muita água, sofrendo os reveses da seca.

Seo Cesarino, por sua vez, tem a cara comprida, anda a passos largos, é, nas palavras de José Reles, “homem ardente” (2001a, p. 160). Longilíneo, alto, vermelho e irrequieto (vive andando para lá e para cá), Cesarino nos é apresentado como um

homem de ação; ele ajuda as pessoas sem pestanejar, desatolando um carro-de-bois, “pensando junto” para solucionar problemas alheios etc. Sua própria figura alta, esguia, de “mais nariz” (2001a, p. 158), sugere penetração. Ou seja, referimo-nos a um personagem solarizado, de caráter arquetípicamente masculino, estando, inclusive, profundamente ligado à figura paterna (o “Pai” é mencionado com “p” maiúsculo) de quem herdou a venda. Mas, assim como Mourão, seo Cesarino também é ambivalente. Apesar de ligeiro, nervoso e ativo, ele não cobra as dívidas dos clientes, razão de parte dos seus transtornos: “mal cobrava o que deviam a ele” (2001a, p. 161); “O fiado mal cobrado, e não pago, é que avoava com o negócio” (2001a, p. 162). Além do que, “gastava meio para lá do convinhável” (2001a, p. 161). Ou seja, temos aqui flagrantes de uma natureza um tanto descuidada e por demais generosa. Sua profissão, dono de venda, é mais “passiva”, requerendo pouca atividade. Assim, as características de “herói” solar ficam atenuadas. É importante notar que, apesar de “homem ardente”, a maior carência de Cesarino é de calor, de secura – sua venda foi destruída pela água.

Ao se encontrarem, Cesarino e Mourão fazem um negócio insuspeito, trocam seus infortúnios: a venda com a mercadoria estragada, pela boiada em petição de miséria - tudo sob a mirada do “Homem do Pinguelo”: “[...] naquela paz de hora, devia de se ter surgido para estar ali, com a gente, o... O desencontradiço... O bem-encontrado... O...” (2001a, p. 182). O negócio se efetiva sem entraves e, sob nova administração, as contas do armazém são acertadas, o povo volta a comprar firme, e Mourão enriquece³: “lavorou, ganhou, parou empapado de rico, sumo dono do arraial, quase” (2001a, p. 189). Por outro lado, bem conduzida, a boiada escapa da destruição. Levada por seo Cesarino até o

³ No romance *Grande sertão: veredas*, o grupo de jagunços liderado por Zé Bebelo topa com o fazendeiro seô Habão em um ponto avançado da travessia. Ao que tudo indica, ele prefigura o boiadeiro Mourão, personagem do conto mais recente. De cara, ambos possuem o nome em grau aumentativo sintético. O fazendeiro possui uma “[...] calma muito sensata e firmada [...]” (ROSA, 2001b, p. 428), assim como Mourão, “Capaz de ficar quieto no inferno” (2001a, p. 171) e fala “[...] com a mesma voz, sem calor nenhum [...]” (2001b, p.431) lembrando o “marasmo” que pontua os movimentos do malfadado boiadeiro. Como afirma Riobaldo, seô Habão “[...] é sujeito da terra definitivo [...]” (2001b, p. 429), “[...] mansoso e manso, sem glória nenhuma, era um toco de pau, que não se destorce, ficando sempre para o seu arrumo” (2001b, p. 429-430). Da mesma forma, as atitudes e o nome de Mourão (que pode significar a estaca de amarrar as reses, conforme Menezes (2010)) evocam fixação e estabilidade. Seô Habão gosta de mandar: “[...] a natureza dele queria, precisava de todos como escravos [...]” (2001b, p. 431), assim como o boiadeiro do conto publicado posteriormente: “Me pegou pelo lado aberto. Porque, do incumbido que me dava, digo, ele expôs o mando tão natural, que eu achei certo que devia de cumprir [...]” (2001a, p. 174). Habão deita um olhar econômico sobre tudo: “[...] ele cumpria sua sina, de reduzir tudo a conteúdo. Pudesse, economizava até com o sol, com a chuva. Estava picando fumo no covo da mão, garantia ao senhor que não esperdiçava nem o átomo dumas felpas” (2001b, p. 432). Da mesma forma, Mourão toma nota das mercadorias estragadas pela enchente, na venda de seo Cesarino, e, ao fim, tira proveito de tudo, tornando-se um comerciante próspero. Mesmo a cara grande, de lua, do boiadeiro, encontra reflexo em seô Habão, que “[...] sacudia em sim a cabeçona [...]” (2001b, p. 432) respondendo a uma pergunta de Riobaldo.

povoado de Ponte-Nova e acolhida nos currais do padrinho seo Mascarenhas, resiste à seca e se salva: “Seo Cesarino, de rico, inteirado. [...] fez negócios grandes, dobrou, dezenou, engrossou fortuna” (2001a, p. 188). Assim como “A passagem do ingá”, local de travessia, foi determinante para a mudança de sorte na vida de Cesarino e Mourão (é lá que José Reles encontra o boiadeiro possibilitando o feliz encontro), a “Ponte-Nova”, outro local de travessia, resolve o novo problema imposto ao ex-comerciante: encontrar pasto para as reses adquiridas. Segundo Mircea Eliade,

Toda existência cósmica está predestinada à “passagem”: o homem passa da pré-vida à vida e finalmente à morte, tal como o Antepassado mítico passou da preexistência à existência e o Sol das trevas à luz. [...] Convém precisar que todos os rituais e simbolismos da “passagem” exprimem uma concepção específica da existência humana: uma vez nascido, o homem ainda não está acabado; deve nascer uma segunda vez, espiritualmente; torna-se homem completo passando de um estado imperfeito, embrionário, a um estado perfeito, de adulto (ELIADE, 2001, p. 147).

Portanto, as “passagens” e “travessias”, no conto, são momentos decisivos no processo de *individuação*⁴ de Cesarino e Mourão, dado que, no decorrer da narrativa, esses homens “inacabados”, ou “mal acabados”, passam por uma fase de deslocamento existencial, para, após as “passagens”, se realocar, renascendo para o pleno gozo dos seus devires.

As identidades profundas de Cesarino e Mourão vêm à tona quando um encontra o outro e se reconhece no outro: “Seo Cesarino e Mourão podem ter suas vidas radicalmente alteradas, numa violenta peripécia, porque se reconhecem trocados: é o outro que lhes mostra, como num espelho invertido, o que poderiam fazer da própria vida” (2010, p. 171). Cesarino foi talhado para a vida ígnea, terrestre de boiadeiro, e Mourão, para a vida “fria” e “contemplativa” como as águas de um rio, fixado na venda. O fato de Mourão estar relacionado à água e carecer justamente dela, assim como seo Cesarino possuir caráter ígneo e precisar justamente de secura, de calor, se deve aos

⁴ A *individuação* é um processo contínuo de desenvolvimento psicológico e existencial que busca levar o sujeito à realização de suas qualidades individuais dadas, atingindo o seu *si-mesmo*: “em outras palavras, é um processo mediante o qual um homem se torna o ser único que de fato é” (JUNG, 2003, p. 64). No conto, as questões do ser são elaboradas por José Reles em frases como “quem é, tem que ser!” (2001a, p. 168) e “Quem não é, não pode ser” (2001a, p. 158), que, em sua simplicidade e aparente redundância, indiciam o processo de *individuação* no qual estão implicados Cesarino e Mourão. A *individuação* desponta mesmo no tema da muda dos dentes das crianças, que se faz presente em dois momentos. Seo Cesarino afirma: “Justo, um dente de menino, que cai, é outro que vem já apontando...” (2001a, p. 168). E, discorrendo sobre a origem do nome “Mourão”, o “comentador” do conto observa que esse é o nome do “incognoscível” “patrono da muda de dentes das crianças” (2001a, p. 174). A mudança dos dentes marca a superação da primeira infância, estágio importante no desenvolvimento do indivíduo.

personagens não viverem vidas condizentes com o *si-mesmo*⁵ de cada um, não manifestando plenamente os seus devires. A *persona*⁶ de um representa o *si-mesmo* do outro, e a consciência desta “inversão” através do confronto entre os personagens, resulta na *individuação* de ambos, pois, “A meta da individuação não é outra senão a de despojar o *si-mesmo* dos invólucros falsos da *persona* [...]” (JUNG, 2003, p. 64).

É importante notar que, para avançar em sua *individuação*, seo Cesarino abandona a “herança errada” do pai, a venda, mas leva a espingarda do falecido, pois ao depor o fardo que era o ofício de comerciante, passa a lidar de forma equilibrada com a influência paterna, emblematizada na arma de fogo. Mourão, que não conheceu família, aceita de bom grado o pedido de seo Cesarino de que o retrato do pai permaneça na venda, espécie de compensação pela ausência de pais em sua vida. Assim, levar a arma e deixar o retrato, sinaliza que seo Cesarino incorpora do pai o que lhe interessa (a virilidade representada pela espingarda), e abandona o que não lhe convém: a subserviência filial, expressa na obrigação de se manter fixado na venda.

“O desencontradiço... O bem-encontrado...”

O “Homem do Pinguelo”, cuja presença se insinua em momentos fundamentais da história, constitui-se em tabu ao narrador-personagem, José Reles, que mesmo instigado pelo “comentarista”, não se permite discorrer abertamente sobre ele. O misterioso personagem, dada a sua presença/influência (mesmo que fantasmal) em pontos de inflexão que resultam em desenlace feliz, pode ser lido como interventor favorável (ainda que de natureza ambígua), ou *psicopompo*. O arquétipo vige em portas⁷ e viabiliza pontes, ligando-se, em primeira instância, a Mercúrio, deus que rege as trocas, as transformações, as mediações. Segundo Campbell,

Não é incomum que o ajudante sobrenatural assuma a forma masculina. [...] As mitologias mais elevadas desenvolvem o papel na grande figura do guia, do mestre, do barqueiro, do condutor de almas para o além. No mito clássico, esse

⁵ O *si-mesmo*, de acordo com Jung, representa “[...] a meta da vida, sendo a expressão plena dessa combinação do destino a que damos o nome de indivíduo [...]” (2003, p. 131). A realização do *si-mesmo* pressupõe a harmonização dos pares de opostos que constituem o todo da personalidade, o que se dá através do embate com o Outro (2003).

⁶ Segundo Jung, a *persona* corresponde à “personalidade” que o indivíduo sustenta no contexto social. Ela dá conta da imagem que se procura transmitir aos outros de si mesmo (2003).

⁷ Sobre o “Homem do Pinguelo”, José Reles observa: “Ele, às vezes, fio que costuma aparecer assim, em portas de vendas...” (2001a, p. 168).

guia é Hermes-Mercúrio; [...] Goethe apresenta o guia masculino, no *Fausto*, como Mefistófeles - e não é incomum que o aspecto perigoso da figura "mercurial" seja enfatizado; pois ele é o condutor do espírito inocente para os reinos da provação. Na visão de Dante, o papel é desempenhado por Virgílio, que o passa para Beatriz no limiar do Paraíso. Protetor e perigoso, maternal e paternal, a um só tempo, esse princípio sobrenatural do agente de proteção e orientação reúne em si todas as ambiguidades do inconsciente - e por isso significa o apoio dado à nossa personalidade consciente por parte deste sistema mais amplo e, ao mesmo tempo, o caráter inescrutável do guia que seguimos, o que representa um perigo para todos os nossos fins racionais (CAMPBELL, 2007, p. 77).

Por reunir todas as ambiguidades do inconsciente, como aponta Campbell, o arquétipo do *psicopompo* estende a sua natureza dupla ao próprio sexo, podendo ser representado como hermafrodita (o próprio Mefistófeles goethiano o é), fator que acentua o caráter "perigoso" do ajudante sobrenatural, o que talvez agrave as hesitações de José Reles, homem simples do sertão (como indica o seu sobrenome), diante do "Homem do Pinguelo".

Analizando o nome do "Homem do Pinguelo", Adélia Bezerra de Meneses ressalta, dentre outros aspectos, a ambivalência sexual do personagem:

É extremamente significativo que a primeira das acepções que o dicionário dá para "pinguelo" é: "variante de pinguela; ponte; tronco ou prancha que serve de pequena ponte para um rio".

Há uma outra acepção para "pinguelo", que é "gatilho" [...], e uma terceira acepção, do registro chulo, que é pênis e é clitóris. [...] É importantíssima essa acepção sexualizada: pois o Homem do Pinguelo, que figura o Destino, a Sorte, é uma figura apotropaica.

A gente sabe que a reprodução de órgãos sexuais, desde a Antiguidade, funciona como elemento apotropaico: elemento que espanta o mau-olhado, que evita o azar, que protege, que traz sorte. Tanto na Antiguidade, no mundo grego e no romano, como depois, no mundo africano, a figuração do sexo - sobretudo do órgão masculino, por exemplo a utilização dos falos em ereção [...] - é um elemento de esconjuro, e, como tal, portador de boa sorte. [...]

E que dizer da figura, tão bem acolhida na sociedade respeitável, e que tem uma origem... Obscena? A figura (do latim *fica* = vulva) é a mão humana, com o polegar colocado entre o indicador e o médio. "É uma representação do ato sexual, em que o polegar é o órgão masculino e o indicador e o médio, o triângulo feminino", registra Luís da Câmara Cascudo no *Dicionário do Folclore Brasileiro*. [...] A figuração de um cópula - ostentação de uma força vital, afirmação de um princípio de vida, teria o valor de um esconjuro. Assim, o homem do Pinguelo, que traz a sorte, é o homem do Pênis e do Clitóris - literalmente, o homem da figura (2010, p. 172-174).

O *pinguelo* como ponte, ou seja, estrutura que integra duas margens, é certamente o sentido mais evidente do nome do misterioso personagem dentre as possibilidades levantadas pela crítica. Porém, gostaria de chamar a atenção para o caráter sexual do termo *pinguelo*, que, como vimos, designa tanto pênis quanto clitóris, sinalizando a

duplicidade sexual do personagem-título. Importante observar que a androginia não neutraliza o gênero “dominante” do ser divino ou sobrenatural. Um Deus ou Ser superior macho por excelência, “[...] pode ser andrógino, tanto quanto uma Deusa-Mãe. Por conseguinte, se se diz que os Seres supremos dos primitivos são – ou foram – andróginos, isso não exclui, de forma alguma, a sua “masculinidade” ou a sua “feminilidade”” (ELIADE, 1957, p. 149). De acordo com Mircea Eliade (1957, p. 148), o fenômeno da androginia divina significa mais do que a simples coexistência dos sexos no ser superior. Trata-se de uma fórmula arcaica e universal para exprimir a totalidade, a coincidência dos contrários (*coincidentia oppositorum*). Assim, o “Homem do Pinguelo” é inequivocamente masculino, no entanto, ativa o sexo oposto para conjurar o princípio de vida que afasta o mal e garante a boa ventura dos seus protegidos.

Segundo Gaston Bachelard, o casamento de contrários definitivo, em termos da imaginação material, ocorre entre a água e o fogo:

No reino das matérias, nada encontraremos de mais contrário que a água e o fogo. A água e o fogo proporcionam talvez a única contradição realmente substancial. Se logicamente um evoca o outro, sexualmente um deseja o outro. Como sonhar com maiores genitores que a água e o fogo! (BACHELARD, 2002, p. 102).

Da mesma forma, as naturezas contrastantes de Mourão e Cesarino, com seus caracteres inversamente proporcionais, relacionados à água (o boiadeiro implicado na seca) e ao fogo (o comerciante “imerso” na enchente) se “atraem” para efetivar a permuta que realoca os personagens em escala existencial. Esta “atração” é tutelada pelo “Homem do Pinguelo”, o “homem da figa”, como quer Adélia Bezerra de Meneses (2010), que simboliza a “cúpula” dos “genitores” elementares. Na narrativa, o elemento fogo está implicado na terra seca. Então, em termos da imaginação material concebida por Gaston Bachelard, a matéria resultante da ligação entre os personagens Mourão (a água) e seo Cesarino (o “fogo” implicado na terra ressequida), é a argila. Como se trata de um conto que encena a *individuação* de seus personagens centrais, o despontar deles como homens íntegros, completos, através do confronto entre ambos, podemos falar na argila como a matéria primordial donde o homem foi modelado:

O homem se perguntará indefinidamente de que lama, de que argila ele é feito. Pois para criar sempre é preciso uma argila, uma matéria plástica, uma matéria ambígua onde vêm unir-se a terra e a água. Não é em vão que os gramáticos franceses discutem se argila é masculino ou feminino (2002, p. 116).

Posto que a conjunção entre os personagens centrais ocorre sob os auspícios do “Homem do Pinguelo”, a argila (dúplice matéria do ser) reafirma a sua função enquanto *psicopompo*, ou seja, guia sobrenatural que auxilia o homem a “tornar-se o que é”, na esteira de Píndaro.

Na encruzilhada: “Quem não é, não pode ser”

O imaginário judaico-cristão perpassa as narrativas rosianas, sobretudo o embate entre Deus e o diabo. Nesse sentido, cabe, aqui, retomar uma das representações do *psicocompo* citadas por Campbell: Mefistófeles, o diabo e guia de Fausto na tragédia de Goethe. O “Homem do Pinguelo”, “guia” dos personagens do conto em análise, relacionado, como o próprio diabo, à androginia (ainda que num sentido diverso), e cuja aparição derradeira se dá com uma “aragem”, como é peculiar às aparições do Inimigo de Deus na tradição literária⁸, é também um senhor das encruzilhadas. Afinal, o entrecruzar dos caminhos de Cesarino e Mourão se dá sob a sua chancela. Trata-se, é verdade, de um encontro feliz, diferente daquele proporcionado pelo diabo entre o pactário e outrem. Mas, de qualquer forma, algumas particularidades do encontro entre os personagens do conto rosiano, sob a mirada do “Homem do Pinguelo”, lembra aquele da tradição fáustica.

O diabo é a sombra de Deus, seu duplo negativo; enquanto tal, é também um criador, mas infrutífero. Dessa forma, para conceder favores ao pactário, ele deve ludibriar outro indivíduo. Daí a imagem da encruzilhada: nela, dois caminhos, o de quem possui a benesse desejada e o do pactário se “chocam” (como os ventos quente e frio) gerando o espiral, o redemoinho que troca os “andarilhos” de lugar; assim, o protegido do diabo obtém o que deseja⁹. Lembremos da epígrafe do grande romance fáustico de Guimarães Rosa: “O diabo na rua, no meio do redemoinho...”

⁸ “O em que eu dei fé, de uma aragem em fino, do vero que se dava para estar para acontecendo” (2001a, p. 182). Marcus Vinicius Mazzari (2010) fala da aragem gélida exalada pelo diabo em *Doutor Fausto*, de Thomas Mann, e por Mefistófeles no *Fausto* de Goethe.

⁹ O redemoinho se origina a partir do encontro entre duas massas de ar com sentido de giro oposto e caracterizadas pela diferença de temperatura. Em *A estória do Homem do Pinguelo*, os ventos/vias opostos são representados pelos fenômenos (extremos) da chuva - “O mundo virava chuva, chuva. Com enchente” (2001a, p. 163) - e da seca - “Deu seguida que o tempo negou o certo. Passou outubro, passado novembro, mais dezembro, então. E credo nisto: que não e não chovia. Agora, era o estado da seca” (2001a, p. 163). Que representam, como vimos, o caráter ígneo e aquático dos personagens centrais.

O *Grande sertão: veredas* é pródigo em “causos” que ilustram as “permutas existenciais”¹⁰ ou “trocas de destino” diabólicas¹¹. Observem a história de Davidão e Faustino (não à toa, diminutivo de Fausto, pactário exemplar da tradição germânica). No “conto” incrustado no romance, Davidão, jagunço do bando de Antônio Dó, passa a temer a morte, então, propõe um pacto com outro jagunço do mesmo grupo, Faustino, “pobre dos mais pobres”:

o Davidão dava a ele dez contos de réis, mas, em lei de caborje – invisível no sobrenatural – chegasse primeiro o destino do Davidão morrer em combate, então era o Faustino quem morria, em vez dele. E o Faustino aceitou, recebeu, fechou. [...] Pois, mire e veja: isto mesmo narrei a um rapaz de cidade grande, muito inteligente, vindo com outros num caminhão, para pescarem no Rio. Sabe o que o moço me disse? Que era assunto de valor, para se compor uma estória em livro. Mas que precisava de um final sustante, caprichado. O final que ele daí imaginou, foi um: que, um dia, o Faustino pegava também a ter medo, queria revogar o ajuste! Devolvia o dinheiro. Mas o Davidão não aceitava [...]. Do discutir, ferveram nisso, ferravam numa luta corporal. A fino, o Faustino se provia na faca, investia, os dois rolavam no chão, embolados. Mas, no confuso, por sua própria mão dele, a faca cravava no coração do Faustino, que falecia...

Apreciei demais essa continuação inventada. [...] Disse isso ao rapaz pescador, a quem sincero louvei. E ele me indagou qual tinha sido o fim, na verdade de realidade, de Davidão e Faustino. O fim? Quem sei. Soube somente só que o Davidão resolveu deixar a jagunçagem – deu baixa do bando, e, com certas promessas, de ceder uns alqueires de terra, e outras vantagens de mais pagar, conseguiu do Faustino dar baixa também, e viesse morar perto dele, sempre (ROSA, 2001b, p. 100-101).

Na história “verdadeira” (respeitando o pacto ficcional), nada significativo ocorre: Davidão abandona a vida de jagunço levando Faustino para morar perto de si. Já a versão proposta pelo rapaz da cidade grande possui um fim dramático. O que importa notar é a lição do “causo”: um indivíduo com dinheiro faz com que outro, pobre, troque de lugar consigo¹². A vida de um é trocada pela morte do outro. Como observa Riobaldo, narrador do *Grande sertão: veredas*: “O pacto de um morrer em vez do outro – e o de um viver em vez do outro, então?! Arrenego” (2001b, p. 327). Mas, como pontuei, ainda que a estrutura do pacto seja semelhante em *A estória do Homem do Pinguelo* e no *Grande sertão: veredas*, o encontro proporcionado pelo “Homem do Pinguelo” e a subsequente “troca de destinos” resulta em desenlace feliz para os dois envolvidos: seo Cesarino e

¹⁰ Expressão sugerida por Marcus Vinicius Mazzari.

¹¹ Exploro o tema de forma aprofundada em “O diabo encerrado nos causos”, 2019.

¹² O dinheiro está profundamente relacionado ao diabo na literatura, a exemplo de Goethe e Dostoiévski. No *Fausto II*, Mefistófeles cunha o papel moeda e, em *Os irmãos Karamázov*, o diabo surge do pacote de dinheiro no delírio de Ivan Karamázov. O diabo, como vimos, está relacionado às trocas, às permutas, e o dinheiro é permutável em qualquer coisa. Carente de “substância”, ele é pura dinâmica de troca. Além de instigar alguns dos piores sentimentos humanos, como ganância e vaidade.

Mourão. Isso porque, em verdade, eles *destrocam* os destinos, afinal, como vimos, um vivia a vida que era mais apropriada ao outro. Como observa José Reles: “A sina ou os acasos, de outros, meus não são [...]. Quem não é, não pode ser” (2001a, p. 158). E, diferente do que ocorre na tradição da literatura fáustica, onde a alma do protegido do diabo fica para sempre atrelada a ele, a alma de seo Cesarino se liberta da influência paterna através do pacto firmado entre ele e Mourão (a troca da venda pela boiada).

O Pai no limiar entre dois mundos

O tema da relação problemática com o Pai é recorrente na obra de Guimarães Rosa, constituindo o ponto nevrálgico de diversas narrativas. Em *Grande sertão: veredas*, Riobaldo é criado inicialmente pela mãe, a Bigrí, para então ser levado ao convívio com o padrinho, e provável pai, Selorico Mendes, a quem despreza. Na vida adulta, o narrador-protagonista vem a se filiar, através do pacto nas Veredas Mortas, ao diabo, duplo de Deus, portanto, representação do Pai em negativo, na esteira de Freud (2011). Em *A estória de Lélio e Lina*, Lélio chega à Fazenda do Pinhém caçando o “rastro” do pai, seo Higino, que ali trabalhou. Na novela, os gaviões, símbolo da paternidade¹³, cujo pio inspira o nome da fazenda, riscam o céu ameaçadoramente. Cara-de-Bronze, do texto homônimo, acredita ter matado o pai em um passado distante. Em *A terceira margem do rio*, um pai de família segue rumo à incerteza das águas, numa canoa, para nunca mais voltar, impactando sobretudo a vida do filho, que fica atrelado ao inescrutável genitor no limiar entre a vida e a morte. Em *A estória do Homem do Pinguelo*, o Pai também se encontra no centro do interesse.

A vida de seo Cesarino se encontra estagnada pois ele não é vocacionado para levar adiante os negócios do Pai: a venda incrustada no arraial¹⁴. O Pai já é morto na época da história, no entanto, lê-se em certo ponto: “Às lástimas, que a venda de seo

¹³ Segundo Chevalier & Gheerbrant: “A águia é [...] o símbolo primitivo e coletivo do pai e de todas as figuras da paternidade” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 22). A simbologia se estende ao gavião. A presença do gavião/pai, como era de se esperar, desinquieta seo Cesarino: “Seo Cesarino, de estouvo, pulou o balcão, para dentro, pegou a espingarda, de donde era que estava dependurada. Repulou para fora, chegou na porta. — ‘Arre, lá, outra vez, o alma penada!’ — resmungo que disse. Aí o que era: um gaviãozinho carijó, pousado no tenteiro” (2001a, p. 178).

¹⁴ Segundo Adélia Bezerra de Meneses, Seo Cesarino “[...] tem como que embutido no próprio nome a marca de “herdeiro”. Cesarino, do radical Caesar, remete evidente ao Imperador Romano, mas, além disso, e sobretudo, significa “título trazido pelos herdeiros presuntivos do Império”, como registra o dicionário. E o que se vê neste conto é que Cesarino era, sim, à sua revelia, herdeiro presuntivo do “império da venda”, daquela “herança errada estragada”” (2010, p. 164-165).

Cesarino não chegava mais nem aos pés do que tinha sido, conformemente, *quando o Pai dele inteiro vivia*. O fundo-de-negócio de encalhe, quase tudo alcaide. Maus maços... (2001a, p. 162) (*Grifo meu*). Observem a expressão em destaque - “quando o Pai dele inteiro vivia” -, em outras palavras, o Pai se encontra em uma situação-limite: ele não está *inteiro* vivo, o que nos leva a crer que também não está *inteiro* morto. Ao contrário do que se pode imaginar em um primeiro momento ao analisar a expressão, ela não significa simplesmente que o pesado fardo paterno continua a influenciar o destino do filho. Isso porque há um personagem, sinuoso e fantasmático, que, apesar de ocupar as margens da fabulação, intitula o conto e desponta em momentos decisivos: o Homem do Pinguelo.

Como vimos no estudo de Adélia Bezerra de Meneses (2010), “pinguelo” pode ser sinônimo de “pinguela”, pau estendido entre as margens de um rio para que se possa atravessá-lo. Assim, o Pai de seo Cesarino, como “Homem do Pinguelo”, se encontra no ponto médio entre dois mundos: a vida e a morte. Ele nem *inteiro* vivia, nem estava de todo morto. Ele partiu, mas, no meio da travessia, percebeu que o seu legado obliterava a vida do filho¹⁵, permanecendo no intermédio para, quem sabe, reparar a falha (talvez por isso Cesarino se refira ao gavião, símbolo da paternidade, como “alma penada”, como referido na nota 14 deste estudo). Então, nos momentos em que a vida de seo Cesarino pode mudar abruptamente, é o “Homem do Pinguelo” quem se faz sentir, garantindo, mercurial, o bom andamento das trocas e passagens, conforme o relato de José Reles.

O arquétipo da travessia para o mundo das sombras é Caronte, o remador. Senhor das águas, ele medeia as almas entre as margens da vida e da morte (sendo, por isso, de acordo com Campbell (2007), um *psicopompo*). As águas, símbolo do inconsciente, das profundezas do espírito e da morte, se fazem presentes de forma decisiva no conto de Guimarães Rosa. Lembremos que a mercadoria de seo Cesarino é esperdiçada pela enchente, ou seja, um transbordamento de água, enviado, quem sabe, pelo Pai-Caronte, no entremeio do rio, equilibrado entre dois mundos. A catástrofe se constitui em momento de inflexão determinante para a mudança de sorte do filho, afinal, dizima qualquer esperança de Cesarino retomar o ofício de vendedor, impelindo-o a aceitar de pronto a troca proposta pelo boiadeiro. Aqui tem início a sua própria história e redenção.

¹⁵ Observem que a natureza da herança não é arbitrária: Hermes/Mercúrio, *psicopompo* no mito clássico, é, segundo Campbell (2007), o deus do comércio, das trocas, das encruzilhadas, daí o legado do Pai, que preenche a função do arquétipo do guia, ser uma venda.

A situação limítrofe do Pai em *A estória do Homem do Pinguelo* espelha a do conto *A terceira margem do rio*, de *Primeiras estórias*. Ambos genitores abandonam a vida: o Pai de Cesarino morre (ao menos para a vida ordinária no arraial) enquanto o Pai da família do segundo texto, homem “cumpridor, ordeiro, positivo” (ROSA, 2005, p. 77), morre para a vida social. Os dois passam a residir numa situação intermediária sobre as águas moventes: o “Homem do Pinguelo” vige no pau estendido entre as duas margens do rio, e o pai do conto de *Primeiras estórias*, na canoa (também de pau), que: “Não pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim” (2005, p. 79)¹⁶. A diferença é que a madeira de um é fixa (a pinguela) enquanto a do outro é móvel (a canoa). Mas ambas constituem uma “terceira margem” que possibilita que ambos os Pais transitem entre os mundos, como o barqueiro da tradição helênica, intercedendo na vida dos filhos. Há um aspecto fundamental que confirma a homologia simbólica entre a canoa e a pinguela: a canoa, “[...] mal com a tabuinha da popa [...]” (2005, p. 77), foi feita para caber “justo o remador” (2005, p. 77), ou seja, um indivíduo por vez. Segundo Walnice Galvão (2008, p. 43), a solidão da morte proíbe que mais de uma pessoa ocupe a canoa simultaneamente. Da mesma forma, na pinguela só é possível atravessar um de cada vez. Um indivíduo após o outro. O filho após o pai¹⁷.

Cabe, aqui, marcar uma diferença fundamental entre a atuação do Pai em *A estória do Homem do Pinguelo* e *A terceira margem do rio*, que parece sugerir uma espécie de máxima da obra rosiana: o Pai que se afasta de fato, permite que o filho se individue, enquanto o Pai cuja presença fantasmal permanece, oblitera o seu desenvolvimento. A “volta” do Pai de seo Cesarino, na forma do “Homem do Pinguelo”, neutraliza o seu legado negativo, materializado na venda com o retrato na parede, permitindo que o filho envergue o fado que lhe cabe: a vida de boiadeiro. O Pai de seo Cesarino volta apenas para partir melhor. Ele vem tirar a própria mortalha dos ombros do filho, que, nas palavras de José Reles, andava “[...] vestido com um paletó de alpaca, que nem seu

¹⁶ A íntima ligação entre o rio e a figura masculina, paterna, que pontua os contos analisados, quem nos confirma é Riobaldo, ao evocar a potência viril do Rio São Francisco ao final do *Grande sertão: veredas*: “O Rio de São Francisco – quede tão grande se comparece – parece é um pau grosso, em pé, enorme...” (2001b, p. 624). Em Guimarães Rosa, a água e seus associados, ao contrário do que sugere certa tradição psicológica, representa, muitas vezes, o *patrias potestas* (poder pátrio), como refere Jung.

¹⁷ Analisando o conto *A terceira margem do rio*, Walnice Galvão afirma: “O que fica entre nós e a morte, o que nos protege da morte, é a geração precedente; quando essa morre, somos os próximos da fila, desaparecida a barreira de proteção. O magistral acerto identifica pai e Caronte, cada pai é ao mesmo tempo o barqueiro da morte, sendo o pai aquele que dá vida e conduz à morte” (2008, p. 44).

defunto Pai, parecia até que pertencido do Pai, por tanto quanto" (2001a, p. 158). Já o pai de *A terceira margem do rio* parece não perceber (ou se importar) com o efeito deletério de sua meia partida na vida do filho. Como observa o narrador-protagonista: o Pai "não voltou" ao mesmo tempo em que "não tinha ido a nenhuma parte" (2005, p. 78). Ele é incompreensível e incomunicável, mas visível. Assim, diferente da mãe, da irmã e do irmão, que, a partir da fratura no núcleo familiar, escrevem novas histórias, o filho permanece fiel à imagem-moente do Pai. Não há resposta inequívoca para as intenções do Pai, porém, já velho, ele se aproxima pela primeira vez da margem onde o filho se encontra, dando a entender que deseja ser substituído na canoa. O filho, assustado, foge: "Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado" (2005, p. 82). Sua fidelidade irrestrita não foi capaz de transformá-lo no Pai. A *individuação* necessita do comprometimento do sujeito com o seu próprio devir. Nesse caminho, não há mimese ou mapa. Mas, a impossibilidade de ser o Pai incute um terrível sentimento de culpa – "Sou homem depois desse falimento?" (2005, p. 82) - que leva o filho a desejar que "[...] no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio" (2005, p. 82). Trata-se do oposto de Cesarino, que abandona simbolicamente o paletó/caixão do Pai.

Conclusão

Acompanhando o diálogo de opositos que estrutura o conto, temos Mourão, boiadeiro "lunar" que "caça sossego", em contraste a seo Cesarino, comerciante "solar" que busca uma vida dinâmica. Sob a mirada do "Homem do Pinguelo", eles trocam de profissão e se realocam existencialmente, atingindo o *si-mesmo* e a prosperidade material. O "Homem do Pinguelo", figuração do arquétipo do *psicopompo*, personifica a dualidade do conto, conjurando masculino e feminino, vida e morte etc., e possibilita os encontros felizes. A regência sobre os caminhos e passagens (Passagem do Ingá, "portas de vendas"), tanto concretos quanto existenciais, relaciona o "Homem do Pinguelo" às encruzilhadas. Nesse sentido, ele se aproxima de Mefistófeles (guia iniciático de Fausto), mas, diferente do pacto diabólico, o acordo chancelado pelo "Homem do Pinguelo" (a troca da boiada pela venda) beneficia ambos envolvidos: Cesarino e Mourão. O misterioso personagem, inclusive, é o Pai de seo Cesarino. Equilibrado na Pinguela, entre

as margens da vida e da morte, ele age para desobrigar o filho de sua herança negativa: a venda que obliterava a *individuação* do “pobre de um moço que ia se ajudando a ficar velho” (2001a, p. 166). Assim, temos um desenlace positivo a um dos motivos basilares da poética rosiana, a relação problemática com o Pai, explorada em narrativas como *A terceira margem do rio* e *Grande sertão: veredas*.

Referências

- ARRIGUCCI JR, D. O mundo misturado – romance e experiência em Guimarães Rosa. **Revista novos estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 44, p. 7-29, 1994.
- ATROCH, Daniel. O diabo encerrado nos causos. **O Eixo e a Roda**, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 153-178, 2019.
- BACHELARD, G. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Ed. Pensamento, 2007.
- CHEVALIER, J; GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos** (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- ELIADE, M. **Mitos, sonhos e mistérios**. Lisboa: Edições 70, 1957.
- ELIADE, M. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ELIADE, M. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FREUD, S. Uma neurose do século XVII envolvendo o demônio. In: FREUD, S. **Obras completas volume 15** – psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923). São Paulo: Companhia das letras, 2011, p. 225-263.
- GALVÃO, W. N. **Mínima mímica**: ensaios sobre Guimarães Rosa. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- JUNG, C. G. **O Eu e o Inconsciente**. Obra Completa de C. G. Jung, Vol 7/2. 22. Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- MAZZARI, M. V. **Labirintos da aprendizagem**: pacto fáustico, romance de formação e outros temas de literatura comparada. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- MENESES A. B. de. **Cores de Rosa**: ensaios Sobre Guimarães Rosa. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

PY, F. Estas estórias. In: COUTINHO, E (org.). **Guimarães Rosa – Coleção Fortuna Crítica**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1991, p. 562-573.

ROSA, J. G. **Estas estórias**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001a.

ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. 19. Ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001b.

ROSA, J. G. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2005.

SIMÕES, I. G. **Guimarães Rosa**: as paragens mágicas. São Paulo: Perspectiva, 1988.

Data de submissão: 24/05/2025

Data de aceite: 30/11/2025